



XI Encontro Internacional dos Fóruns-EPFCL, Buenos Aires, 9-12 de julho de 2020.

Prelúdio 4 de Chantal Degril

Do corpo, de seu tratamento em psicanálise pela fala e pela escrita

UAM, UOM de base, UOM kitemum corpo e só-só Teium. Há que dizer assim: ele tenhum... e não: ele éum... (corpo/aninhado). É o ter e não o ser que o caracteriza.¹

No discurso atual, os sintomas são tratados cada vez mais com base no corpo biológico, seja pela neuropsiquiatria, os medicamentos, o cognitivismo e as técnicas de modificação dos comportamentos, ou a genética. O corpo, nesses casos, é considerado como uma máquina a ser regulada através de seus circuitos hormonais, neuronais ou genéticos. Este discurso promove uma indústria florescente do bem estar onde cada um é suposto saber controlar seu corpo.

Para a Psicanálise, ao contrário, o mal estar² e a insatisfação são estruturais.

A cura psicanalítica, fundamentada sobre a associação livre, propõe o tratamento do corpo pela fala. O corpo da psicanálise é o corpo vivo com seu gozo aparelhado pela libido, ou seja, o desejo, o desejo que não pode se dizer, mas que ao mesmo tempo se orienta na medida em que os significantes se desdobram na análise. A fala na cura traz efeitos de alívio quanto aos sintomas. Constata-se, com efeito, uma redução destes no final da análise. Mas, como isso acontece?

O discurso analítico tem a particularidade de incluir o gozo, contrariamente a todos os outros discursos. A Psicanálise faz dele a substância de seu discurso e inclusive seu campo, a partir de Lacan.

O corpo é lugar de gozo, diz Lacan. O corpo é lugar do Outro pela incorporação do significante vindo do Outro e que mortifica a carne. O corpo é uma superfície de inscrição onde se engancham os significantes do sujeito. Lacan dirá que a linguagem é parasita, a linguagem é imposta e ela deixa marcas que não se apagam. O deciframento dos traços psíquicos inscritos e enodadas aos significantes com seus sons e seus sentidos, em particular os da mãe que nomeiam os afetos e os estados do corpo, fez os belos dias da análise freudiana, especialmente a pós freudiana.

Em seu último ensino, Lacan abandona a referência ao fonema para marcar o caráter destacado do sentido e a fonação. Na sua elaboração do conceito de letra, esta a princípio pouco diferenciada do significante, se distinguirá dele mais adiante. Lacan ligará a letra ao real para fazer dela a borda daquele, “a borda do furo no saber”. Assim, em seu último ensino, ela adquire um estatuto de autonomia em relação ao significante, e este desenvolvimento em direção à escrita se

1 Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”. In Outros Escritos, Rio de Janeiro, Paidós, 2003, (p. 561)

2 [N.T. Mal-être... Em francês, o neologismo de Lacan *mâlêtre*.]

acentua com a escrita borromeana: a letra é o que faz o furo, ruptura de um semblante e esta ruptura faz gozo. “Rasura de traço algum que seja anterior”³, logo ela é rasura e paradoxalmente ela procede de um nada de traço primeiro, impossível de representar.

A escrita é escrita do que não se pensa. Não é uma transcrição. Ela cerne um vazio, um furo. A escrita do real é, de fato, o real que se escreve. Assim, o real não cessa de se escrever e é pela escrita que se produz um forçamento, e de uma nova escrita. O inconsciente é um saber que se articula de *lalíngua* e o corpo que a fala está enodado aí apenas pelo real do qual se goza: do sintoma metáfora, onde a substituição de significantes provoca sentido, a referência se deslocou em direção ao que faz limite à substituição, quer dizer, sobre ao que é insubstituível.

No seminário *Mais, ainda*, Lacan define esta função do escrito⁴ no discurso analítico como aquilo que “não é para ser compreendido”. E, além disso: “Tudo o que está escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. É daí que há um certo efeito de discurso que se chama a escrita.” Afastando-se do decifrado do sintoma e de sua leitura, Lacan inventa um real do inconsciente, não para ser lido, mas para ser escrito em um enodamento borromeo que dá a escrita que constituirá um quarto elo, o *sinthome*, que é uma suplência do registro do simbólico. Um gozo que não se inclui na lógica do significante e que tem uma relação com a marca considerada talvez como um nome, que não pode se dizer mas se escreve, mais além da imagem, do sentido e do som. “A invenção é o escrito”⁵ diz Lacan, onde o escrito torna-se saber-provado, necessariamente não sem o corpo, um saber suposto sujeito.

Lacan se pergunta em *L’Insu ...* “Como o poeta pode consegue esse tour de force de fazer que um sentido seja ausente (*absens*)?”⁶ O poeta Yves Bonnefoy, em seu texto “A echarpe vermelha”⁷ relata sua experiência de exílio da letra, depois de ter encontrado um de seus escritos: um poema em versos livres, escrito por ele mesmo 45 anos antes e deixado abandonado, um texto que se apresenta como misterioso para o próprio autor e imbuído de uma inquietante *estrangeridade*. Qualquer tentativa de sua parte de continuar esta história, ou de trabalhá-la e reelaborá-la, fracassava. “É que não pude acrescentar nada à primeira versão, a que se havia imposto, de uma vez, eu não podia acrescentar nada. Este poema ... não era um simples início de pensamento... mas um texto que existia como tal, até sua menor vírgula, e que eu não tinha mais direito de tocar como se fosse a obra de outra pessoa ... a produção de não sei quem em mim”. Um poema sintoma, portanto. Em seus esforços infrutíferos para decifrar a ideia desta história, o autor chega a reter, desde o princípio, “esta percepção da cor vermelha onde nada, absolutamente nada, é possível ...: algo de sobrenatural, o significante de uma transcendência”. O autor dá a este significante o valor de uma cifra, mas não é a letra? Só mais tarde o autor associará o significante ‘vermelho’ com a paternidade e a filiação, ao laço de sangue, com seu pai portanto, de quem o autor recorda as marcas vermelhas deixadas pelas sanguessugas aplicadas em seu corpo doente, no final da sua vida. A partir deste escrito de saída, obscuro e inquietante, que ele não compreende, o autor embarca em uma “retrospectiva” de suas origens e, em particular de seu pai, um homem taciturno, mudo e desde muito tempo com uma saúde vacilante. Nesta lembrança, e sua tentativa de fazer sentido, surge uma cena particularmente comvente, onde, no momento da partida de seu pai e, portanto, de uma separação iminente, a criança procura um trevo de quatro folhas para oferecê-lo,

3 Lacan, J. “Lituraterra”. In. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, 2003, (p. 24)

4 Lacan, J. *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Zahar, Rio de Janeiro, 1985, p.49

5 Lacan, J. *Ibid.*

6 Lacan, J. *O Seminário Livro 24. Sessão de 15-03-77* Inédito

7 Bonnefoy, Y. *L’écharpe rouge*, Mercure de France, 2016

como um sinal de boa sorte. Não o encontrando, e apressado pelo tempo, ele colhe um de três folhas e cola uma quarta folha com um pouco de sua saliva. Será essa, talvez, sua primeira forma de escrita, seu primeiro poema, para fazer-se um nome?

Esta breve digressão através da escrita poética e literária mostra que, em psicanálise, se trata de produzir uma categoria de escrita que proceda de uma certa posição do inconsciente que mantenha uma distinção em relação à fala, e para isso se trataria de elucidar as relações da escrita com o impossível de dizer.

Lacan, se apropriando da escrita de Joyce como uma experiência subjetiva na qual o corpo se articula com o gozo sem sentido, – Joyce, para quem o corpo imaginário não funcionou – pergunta-se como *isso* forma conjunto mesmo assim. Falando da escrita de Joyce, Lacan diz: “Não somente são abundantes, como podemos dizer que Joyce joga com isso, sabendo muito bem que haveria joycianos durante duzentos ou trezentos anos. Os joycianos são pessoas que se ocupam unicamente da resolução de enigmas”⁸. Não que os psicanalistas tenham que jogar com a abundância, mas se eles estão prontos para assumir o desafio da escrita do impossível, e no que nos concerne para este XI Encontro internacional, o lugar que o corpo aí ocupa, a Psicanálise ainda tem um futuro promissor pela frente!

Tradução Ana Laura Prates

8 Lacan, J. O Seminário. Livro 23 O Sinthoma. Zahar. Rio de Janeiro, 2007,p. 148